

Os candidatos aos 16 e suas promessas atuais



COLLOR

O candidato do PRN à Presidência viveu verdadeiros anos dourados na juventude. Aos 16 anos estudava no Colégio São José, um dos preferidos pela elite carioca, e já falava inglês e francês com fluência. Vaidoso, foi treinado em curso de manequim na juventude. Nadava bem, jogava vôlei e impressionava com seus golpes certos de caratê (ele é faixa-preta). Tinha fama de conquistador.

O presidenciável Fernando Collor de Mello, hoje com 39 anos, sempre namorou a política. Inspirado no exemplo paterno — o abastado senador Arnon de Mello (já morto), um dos caciques da UDN alagoana — ele primeiro abraçou o jornalismo e depois entrou na vida pública. Sua família, como se sabe, é dona de um império de comunicação em Alagoas que inclui o maior jornal do Estado, emissoras de rádio e a retransmissora da Rede Globo. O contato estreito com a política levou o jovem Collor a se aproximar do movimento estudantil. Ele garante que apanhou muito da polícia, em seus tempos de militante. A manifestação mais importante da qual participou foi um ato de protesto contra o embaixador dos Estados Unidos, que havia feito uma doação de três mil livros à Universidade de Brasília, debaixo de estrondosas vaias de estudantes e escoreado por uma eficiente repressão policial. O ex-presidente da UNE Honestino Guimarães, morto nas prisões da ditadura militar, foi a primeira liderança que o impressionou.

As propostas de Collor para a juventude incluem promessas ambiciosas, mas vagas. "Quero uma verdadeira revolução educacional", sustenta, embora não explique como será exatamente essa revolução. O esporte também está na mira do candidato. "Os brasileiros vão se orgulhar de nossos atletas em competições internacionais", sonha.



LULA

Com 16 anos, Luís Inácio da Silva, o Lula, vivia mais interessado no futebol que na política. Se não estava trabalhando na fábrica de parafusos Marte ou estudando no curso de torneiro mecânico do Senai, podia ser encontrado perto do Hospital Heliópolis, no Ipiranga, onde existiam mais de 30 campos de várzea — transformados hoje numa das maiores favelas de São Paulo.

Além da bola, O Lula de 16 anos se ocupava em alimentar um sonho jamais realizado: queria ser motorista de caminhão. "Eu ficava deslumbrado diante dos enormes caminhões da Shell e Esso, mas a minha mãe insistia em que me tornasse mecânico", diz Lula. A vontade materna triunfou. O curso melhorou a situação de Lula na Marte, e o seu salário passou a ser parte importante do orçamento de uma família de oito irmãos, cujo pai era carregador de café — o futuro líder sindical dos metalúrgicos, hoje com 43 anos, não tinha mesmo idade para tirar carteira de motorista. A lembrança mais viva da política daquela época, para Lula, são os comícios da praça João Mendes, nos quais Ademar de Barros e Jânio Quadros ofereciam espetáculos comparáveis às lutas livres. "Não torcia para nenhum, mas gostava de ver a bagunça generalizada", diz o candidato do PT. Uma ocasião ganhou um broche de trevo — símbolo do adhemarismo, do qual seu pai era simpatizante —, achou-o bonito e resolveu usá-lo. Foi sua primeira surra na política: Lula entrou num ônibus carregado de janistas que meteram dolorosas vassouradas na sua cabeça.

O candidato do PT está preocupado com a educação. Ele quer, por exemplo, aulas de educação sexual nas escolas e na televisão. "Penso em construir grandes áreas de lazer e centros culturais", afirma. Uma de suas criações seria um museu da Amazônia. A ecologia será um tema forte de sua campanha "jovem".



MALUF

Aos 16 anos, Paulo Maluf era coroinha, congregado mariano e mulhereço. A cada final de semana, o filho do dono da maior serralha do Brasil, a Americana, em São Paulo, aparecia na elegante casa de chá Viennense com uma nova conquista a tiracolo, todas elas "de muito boa família". Como os seus colegas do Colégio São Luís, Maluf ainda guardava em segredo uma alentada lista de outro tipo de garotas — as "de programa", cujas mães não precisavam ser bajuladas com flores.

Os quatro graus de miopia nunca impediram o jovem Maluf de lutar boxe, praticar tênis e salto em altura. Com 17 anos, na mesma época em que foi abandonado pelo professor de piano clássico, elegeu-se presidente do grêmio do São Luís, com uma diferença de apenas um voto.

Se pudesse votar em 1946 — quando tinha 14 anos —, teria preferido o derrotado Brigadeiro Eduardo Gomes ao eleito Eurico Gaspar Dutra. "Gomes é austero e representa o antipetismo", dizia o adolescente que em 1950, no entanto, acabou votando em Getúlio. No primeiro ano científico, com 16 anos, Maluf tomou a decisão "caxias" de começar o cursinho preparatório para o vestibular da Escola Politécnica, onde se formou engenheiro civil. O curso pré-vestibular durou até o final do terceiro ano do São Luís e encurtou as suas tardes de paquera.

Entre as propostas de Maluf, 57 anos, o esporte ocupa lugar de destaque. "Se o jovem não faz esporte, sua energia vai para o sexo, os tóxicos, o álcool e os 'rachas' de automóveis", imagina o candidato. Maluf pensa em ampliar e reduzir o número de cursos superiores, de acordo com as necessidades do mercado. "Acho que há muitos psicólogos, jornalistas e advogados e poucos analistas de sistema e técnicos de grau médio em eletrônica."



COVAS

O jovem Zuza, de 16 anos, não era um partido de se jogar fora. Boa-pinta, um dos melhores jogadores de basquete do Colégio Santista, habilidoso "pé-de-valsa" do Clube Quinze e filho de um próspero corretor de café de uma grande exportadora de Santos. Para Lila Florinda Gomes, que conheceu Mário Covas nessa idade e oito anos depois se tornou sua mulher, a única esquisitice do rapaz era passar longas tardes na Câmara da cidade ouvindo discursos dos vereadores.

Desde os 16, Covas queria ser político. Em 1947, com 17 anos, desembarcou sozinho em São Paulo para estudar química industrial na Escola Técnica Bandeirantes. Foi morar numa pensão próxima da Câmara paulistana, sem perder a mania de frequentar as sessões do Legislativo. Admirava especialmente o político Cid Franco, "um socialista convicto". Embora seu pai, que se separou da mulher naquele mesmo ano, sempre tivesse proporcionado a ele uma vida confortável, Covas ainda faturava algum dinheiro com aulas particulares de química que dava aos colegas da Escola Bandeirantes.

A engenharia entrou na sua vida, diga-se, por influência de um professor da cadeira de Química, Hélio Moreira. Mário Covas formou-se pela Escola Politécnica da USP em 1955, com 25 anos. Até hoje Paulo Maluf, que na preferência dos jovens se iguala a Covas no terceiro lugar, se vangloria ao contar que é dois anos mais novo que o candidato do PSDB, mas conseguiu se formar na Poli antes dele.

Se eleito, Covas pretende mobilizar os estudantes para participarem de um programa de alfabetização de adultos. "Vamos erradicar o analfabetismo do Brasil em cinco anos", promete Mário Covas aos jovens. Sua intenção é dar incentivo maciço à educação de primeiro e segundo graus, ao esporte, lazer e cultura.



ULYSSES

Entre os candidatos à Presidência da República, ninguém está mais distante de seus 16 anos que Ulysses Guimarães, 72. Quando se recorda da adolescência, porém, o candidato do PMDB o faz com vigor redobrado. "Tinha mania de fazer discursos em aniversários, casamentos e enterros", recorda-se. "Só não sabia dançar, para desapontamento das namoradas."

Filho de um coletor federal (afastado por doença) e de uma professora, o adolescente Ulysses dividia seu tempo entre o estudo de latim, com um padre de Lins, no interior de São Paulo, e aulas de piano com a professora Alzira Denizer. As quatro horas diárias que o hoje deputado passava na frente das teclas lhe valeram uma bolsa para estudar com o poeta e animador cultural Mário de Andrade, na década de 30 chefe do Conservatório Dramático e Musical da Capital.

A carreira de músico foi interrompida devido ao fascínio que a Faculdade de Direito do Largo de São Francisco exercia sobre Ulysses. "Estava extasiado pela tradição", conta. Ele cultivava o hábito de exceder o horário de atividades, prolongando pela madrugada a leitura de clássicos brasileiros, portugueses e franceses, "apesar das reprimendas maternas". A vida intelectual, porém, não preenchia todo o tempo do menino do Interior. Ulysses era "dono" do Guarani Futebol Clube, que formou com amigos na cidade. "Eu era o dono da bola e quem mandava no time."

Ulysses, que na adolescência nutria uma "escassa" preocupação com a política, pretende, se for eleito, disseminar escolas com turnos de seis horas e tomar medidas para combater a repetência e a evasão escolar. Uma de suas primeiras medidas será retomar o desenvolvimento para absorver a mão-de-obra jovem. "Algo impossível de se fazer com o País parado há dez anos", observa.



BRIZOLA

Leonel de Moura Brizola nasceu em Cruzinha, pequeno povoado do município de Carazinho, interior do Rio Grande do Sul, na mesma época em que São Paulo era sacudida pela Semana de Arte Moderna de 1922. Filho de um carreteiro, ficou órfão com 1 ano. O rapaz pobre viajou a Porto Alegre aos 14 anos, com passagem comprada na segunda classe do trem. Trabalhou como engraxate e jornalista.

Aos 16 anos, Brizola estudava na Escola Técnica de Agricultura de Viamão, cidade a meia hora de Porto Alegre. Depois de formado, com 17 anos, o candidato do PDT se empregou como graxeiro numa refinaria em Gravataí e, mais tarde, tornou-se jardineiro em Porto Alegre, para sustentar seu curso de engenharia civil.

"Quando tinha 16 anos, sonhava vagamente com política", conta Brizola. "Mas ela estava muito distante da minha realidade." A escola técnica onde estudou aos 16 anos era pública, mas mesmo assim precisava espremer o salário de jornaleiro para não passar apuro no final do mês. Numas de suas férias, a prefeitura de Carazinho, onde vivia a mãe Oniva, custeou sua passagem para que ele pudesse visitá-la.

A experiência na escola técnica inspirou Brizola para uma de suas promessas de campanha. "Penso em fomentar o ensino técnico-profissionalizante", revela o candidato. Se eleito, Brizola quer levar para todo o País a experiência dos Centros Integrados de Educação Pública (Cieps), que idealizou para o Rio durante sua gestão como governador. "Vamos construir uma nova vida para a nação", discursa ele. "Se os jovens tiverem uma perspectiva de estudo e trabalho, não ficarão tentados a deixar o Brasil."